

DIRECTOR: Artur Bivar
REDAÇÃO: Rua da Republica
Casa Nua Alvares - Guimarães
PROPRIETARIO: MINHO GRAFICO.

VOZ DE GUIMARAES

Semanario Regionalista

ADMINISTRAÇÃO E IMPRESSÃO: Tipografia do «Diario do Minho»
ADMINISTRADOR E EDITOR: Gonzaga Pereira
Rua da Republica
GUIMARAES

Catolicos e politicos

A opinião em Portugal nada se- melha o deslizar sereno de um rio manso, antes parece o entredemoi- nho de vagalhões activos que se tou- cam de espeinha e a estendem como veus de tule nos rochedos erguidos no seu curso irregular. Não me pre- ocupa neste momento o dissidio do pensamento politico, muito grande embora. Sente-se a falta de directri- zes fixas ao pensamento nacional, e no que respeita á mentalidade catoli- ca,—isto me interessa— a falta é gran- de quanto abundantes os males que resultam.
Ha em Portugal um pensamento e orientação catolicos? Indubitavel- mente. E devendo eles, esse pensa- mento e essa orientação manifestar- se no campo social e politico, succede, todavia, que apparecem entre os catoli- cos valores indisciplinados que muito embora sejam outras as ins- tructões episcopais, procuram impedir o predomínio do pensamento catolico, e subordinam as suas pre- ocupações e preconceitos politicos.
E um daltonismo criteriológico de nefastas consequencias.
Não ha expressão episcopal que os catolicos indisciplinados não ten- tem diminuir, fazedo delas uma exegese habil, mas eivada de precon- ceitos, e torcendo, não explicando, os principios nelas expostos. Isto é gra- ve, tanto mais que, por melindres facilmente compreensíveis, é impos- sível dizer as ultimas palavras em certas questões e problemas, que só seriam resolvidos por um acto de autoridade. E essas questões e pro- blemas transcendem os justos limites da autoridade religiosa, e estão fora do campo da acção catolica—até mesmo da expressão social politica dessa acção.
A dificuldade, pois, no momento presente não está na existencia e ex- pressão de um criterio monarchico que se diga catolico. Está, sim, na presença de elementos que, afirman- do-se catolicos e só catolicos, são praticamente, sobretudo politicos, e não só sacrificam á sua mentalidade politica todo o seu sentimento religio- so, mas tambem procuram dificultar por todos os meios a acção catolica,

prejudicar o Centro, impossibilitar o avanço do ideal cristão.
Porque fazem isso, e uma campai- nha anti-social de insinuações perfi- das, ataques pessoais, e desprestigio de todas as autoridades, até mesmo homens de cujo amor á ordem se viram antes rutilantes provas?
Porque neles pôde mais o precon- ceito politico. Imaginaram que do triunfo do pensamento cristão poder- ia resultar a estabilidade do gover- no, e perante essa perspectiva sacri- ficaram ao odio de regimen o seu amor a Jesus Cristo. O Padre nosso deles diz assim: «venha a nós o rei- no de Deus se cair este regimen.»
A maior blasfemia de hoje, que traz ilusos tantos de nossos irmãos é este maldito se, esta condicional nefasta que subordina o eterno ao temporal, o divino ao finito, a vida eterna á sombra de um cadaver.
Ora tal deve ser a acção catolica que os seus estejam dispostos a sacri- ficar tudo, até legitimas ambições, para que Deus, e sómente Deus impe- re nas sociedades.
Sindicalistas, republicanos, aristo- craticos ou democraticos, e até mes- mo monarchico, o Estado pode e deve informar-se do espirito de Cris- to. A moral social, qualquer que seja o regimen, pode e deve ser cris- tã. E os homens de acção catolica tem que procurar o predomínio dese criterio cristão, despreocupando- se de qualquer outro problema.
Não censuro evidentemente os que são monarchicos, como não admito censuras aos que são republicanos. E' uma questão livre a maior ou me- nor participacão do povo no governo do Estado, e não me toca defender o sincretismo politico da democracia de S. Tomás, e sim á in- dependência partidaria do Centro Catolico. Nisto, que é, para nós, o pro- blema do momento entendo eu ser preciso delimitar bem os campos. Que vão para o politico os que na vida social exigem condicionamento politicos. Fiquemos, com os Bispos, os que sobretudo pomos os princi- pios catolicos. Mas isto de uma ma- neira franca, clara, inludível.
CONSTANTINO COELHO

Guimarães d'outrora

(APONTAMENTOS)

1.º Mosteiro de S. Salvador

Durante as invasões que os mouros fizeram na Península nos seculos de 800-900 da Era de Christo, vivia na Provincia de entre-Douro-e-Minho o Conde Ermigildo Gonçalves, casado com a Condessa Mumadona (1) tia do R I de Oviêdo e Leão (2) Rane- mo II;
«Do casame to Ide Ermigildo e Mumadona, nasceram var os filhos e filhas; neste apontamen- to h-mos de falar da filha One- cha a quem na «Partio bonorum» veio em partilha a dita quinta ou herdade d: «Vimaranes»;
«Estando Ermigildo Gonçalves para morrer (5) mandou chamar algumas p-ssoa- graves, e deante del-s por sua devoção ordenou que a Condessa sua mulher podese dispendar a quinta parte de sua fazenda, com pobres, peregrinos, viúvas, orfãos, ou Igrejas.
«Entre os anos de 926-950 devia ter sido o M-ctuato de Ermigildo Gonçalves pois, que no 1.º destes anos ha uma «Carta confirmada pelo depois, Rei R- nemiros referenssimos princip» (6) de do caõ da vila nominata crexi- m- a Ermigildi et Mumadona... concedimus vobis (6) e no de 970 ha feita «Partio bonorum inter Mumadona vidua Comitiss Ermigildi et filios (7) Documento IX a que farei maior referencia.
«Ainda e como subsidio para a fixação da data da fundação do Mosteiro de S. Salvador, apontarei as datas 931-950 em que a V. M. H. inclue a Carta de Vila Mellares e em que ha esta referencia: «et post pert monasterio vimaranens» e que é o Documento V. Donallon etc. donde pode concluir-se que entre essas datas 931-950 e tava edificado o Mosteiro e que aquella doação foi feita a Mumadona e á igreja de S. Salvador como o proprio titulo do documento indica. Estação (8) dá a fundação do Mosteiro uma data mais aproximada de 926, pois dá o testamento da Condessa Mumadona a date: 26 Janeiro, Era 967, que vem a ser o ano do Senhor 929.
«Na sua nota ao documento V o edito e sandoso abade de Tagilde, diz «Este é o primeiro documento que nos dá noticia da fundação do mosteiroimativo e nes- ses. O compilador destes aponta- mentos sobre a = Guimarães d'ou- trora — não emite opinião porque lhe parece difficilissimo averiguar a data precisa da fundação do Mosteiro; mais, porque entende qu- uma diferença de 24 ou 19 anos não tem grande influencia, e vivi- dos quasi dos seculos, na vultus- insignissima do Mosteiro de S. Salvador, que para sua antiguidade não mais precisa que a marca- da nos Documentos, nem car- re de maior prova de cuidado que a que lhe deu o incansavel erudito e illustradissimo autor da «Vimaranes Monumenta Historica»
Falecendo pois Ermigildo Gonçalves fez a Condessa a Par- tio bonorum e nela «venit in parte Onecha denota Vimaranes cum suis aleiacentibus Lalin cum abintionibus suis Dorsum Varen» in rita mazonne.» (9) tem a data como referi de 950
«Novo anos depois, 959, o Documento IX tra-nos, como já dei- xei dito, o «Testamentum» da Condessa Mumadona «De Suss Vilas ad Cisterio Vimaranens» e nela se diz que «Ego vircula dei exiquo omnium serorum dei Mumadona conuersa... Fundo cenobio fratrum et sororum... Concedo hum aule beati ludinis iam dicta vilavestra la vimaranes que commutavi cum filia mea Onecha...» e traduzindo: Eu escrava de Deus, minima de todos os servos de Deus Mumadona convertida (a religio) ... Fundo (um Edificio) convento de Frades e Freiras... (e) Concedo (10) a este Templo de vossa Santidade a subredita Quinta Vimaranes que cometei com minha filha Oneca.
«Este mesmo Documento tra- as outras terras que por esta «se ripta cartula contramur tati- nis» dava ao Mosteiro de S. Sal- vador, e que deixo por brevidade de tempo e espaço.
«Não tinha, nem a sua funda- dora lhe deu só a invocação de «sancti salvatoris» mas tambem e em seguudo logar a da Virgem Maria «sancto que genitricis ma- riae sempre virginis.
O Mosteiro de S. Salvador, o da Santa Mãe Maria sempre Vir- gem, foi na Guimaraes d'outrora o fulcro a que se apoiaram as gerações dos seculos de 900 e de 1.000, e foram essas gerações que nasceram cresceram e se fir- maram nos pés do Santo Salva- dor e da Santa Mãe Maria Sem- pre Virgem a que lançaram os fundamentos do burgo, d: p: a vila actualmte cidade de Guima- rães.
Guimarães, Junho de 1922.
EUGENIO VAZ VIEIRA
(1) Em dit-rentes autores varia o nome desta Condessa. Não o cito por brevidade. Sigo a ortog- rafia da «Vimaranes Monumenta Historica» Parte I que em algumas partes escreve Mumadona, em outras Mumadona e ainda outras variações.
(2) Gaspard Estago (Varias anti- guidades), de Portugal
(3) Este termo Corte foi muito usado antigamente para as casas dos ricos homes, v. v. a Corte do Conde D. Henrique, cf. Estago logar já citado e varios outros.
(4) Veja a nota do erudito a b: do de Tagilde João Gomes d'Oliveira Guimaraes. Obra citada V. M. H. Pars II.
(5) Cf. Estago Logar citado Cap. I-4.
(6) V. M. H. Pars I Documento III.
(7) Idem ibidem «VI
(8) G. Estago Obra citada Caps II 6.
(9) V. M. H. Pars I Docu- mento VI.
(10) Esta Parte da traduçãõ é de G. Estag —Obra citada—Caps. II —3

Romeiros de S. Torquato

A noite chegara, e entretanto, o po- vo afilua. Os comboios silvavam efe- tantes desembarcando na «gare» cen- tenas de romeiros que vinham de longes terras. Encheram-se os «camions» pouco a pouco dos que recebavam aventur- ar-se ao caminho, por uma noite brumosa, sem estrélas. Os outros lá foram incertos, expostos a serem assal- tados pelos gatunos, na estrada solita- ria.
Impulsionado pelo desejo de obser- var o espectáculo empolgante da «maior romaria de Portugal, tomei um logar no «auto-omnibus» e com dois simplici- sos companheiros, cheguei a S. Torquato ás 9 e poucos minutos.
Escusado será dizer-lhes, meus se- nhores, que foi uma noite cheia de ma- gnificas impressões.
Percorri o imenso arrajel em com- panhia dos dois meus amigos que se não cançavam de me indicar aquilo que supunham de maior deslumbramento para mim.
Atravessamos não sem dificuldade, por entre a multidão, que se apinhava, o caminho que dá acesso ao Templo. Algumas vezes defrontavamos-nos com grupos de «caminhões» que percorriam o acampamento de seus erguidos, e pas- sávamos silenciosos, (sem proferir uma frase que provocasse a descarga), por baixa das terríveis forças caninaes! Onde quer se encontravam moças bailaricando, ao som das pandeiretas monótonas, estalando os dedos nervosa- m.
Aqui e além ergulam-se barracas alpindreadas de fona branca, com expo- sição de quinquilharia e bugingangas. Noutras, feitas em getto de quiosque, avultavam garrafiras de cerveja e licores diversos, fogões onde se preparavam café e mexas pequenas sobre as quais descansavam as bandejas. A' volta, e em toda a extensão do arruamen- to, taboleiros de toda a ordem com doce, mesculas de pinho, toscamente escavacadas donde nos «espreitavam scintillantes, os copos da limonada fresca.
E nós caminhávamos, insensivel- mente associados ao entusiasmo do povo, que semelhante a um imenso for- migueiro se agitava em val-vem. Corria-me ao pensamento quando contem- plava a multidão vozeante, a festa dos Tabernáculos em Jerusalem, á volta do templo sagrado. E realmente ainda que em mi-tura, porque á cidade Santa acorriam os habitantes de todas as tribus de Israel e povos da Asia Menor) a imagem alguma coisa deve ter de analogia e de verdade.
A' medida que nos internávamos no Oceano tumultuante, descobriamos novas surpresas, originalidades que me fascinavam e que á minha retina fielmente recolhiam. Sob a copa de fraudo- sas árvores assentavam artisticos pavilhões onde as bandas contratadas, brevemente se iam a concurso. No re- logio do Templo, bateram as dez horas pausadamente... A multidão fervilha- va, intensificavam-se as danças e a noite seculda as asas negras na solidão do infinito...
Uma hora depois iluminavam a fa- chada da sumptuosa basilica, a luz de carboneto, e no arrajel acendiam-se os fogões que faltavam. Apesar da perfu- ão, que atingia muitos milhares, os baldes forneciam uma claridade muito difusa que em alguns pontos mal che- gava a romper a pesava sombra noctur- na. Mas, súbito, outra iluminação sur- tiu, fantástica de cores, no espaço.
P'ncipiava o fogo. Depois de algu- mas peças da sessão pirotécnica, de pouca ou nenhuma originalidade, ficou o campo mergulhado numa penumbra luminosa, levemente acinzentada.
E por entre o vezear da turba ou- viam-se sons apagados das musicas que lá ao fundo tocavam febrilmente. Tudo se reduzia uma successão mecânica de notas estridentes, dispersas e sumidas, no fragor da cealuma popular. Sei do átrio do templo onde me tinha coloco- do para ver o fogo, e com os meus companheiros fui de novo até ao cam- po do arrajel.
Ainda mal tinha saído do átrio, quando principiou a 2.ª sessão piroté- cnica.
Como se não visse cá fora por causa do arvoredo, voltámos ao posto de observação, um pouco despeitados com partida. Afinal a 2.ª não era mais do que a primeira, ampliada no número apenas. Esperamos a terceira, veio de- pois a quarta, quinta e muitas outras se- guidas; sempre a monotonia servil, apenas interrompida por alguma meia dú- zia de foguetes escolhidos, que de longe a longe nos deslumbravam mo- mentaneamente.
Na torre do santuário tinha dado a meia noite e nós que mantínhamos bons propósitos de voltar para Guim- arães antes de romper o dia, partimos em busca de carro que nos conduzisse ao nosso destino. Demos uma volta de despedida ao S. Torquato, passamos sob o arco de Triunfo da iluminação e seguimos para a estação central, in- dagando da partida dos «auto-omnibus».
Alguns estavam á cunha, e seguiam á breves momentos para a cidade.
A maior parte, só pela madrugada retomava a carreira. Ficamos desapontados. Teríamos de passar a noite na romaria, ao a' livre. Entretanto do mesmo local, onde nos achávamos viamos o fogo que ia sendo já, mais variado. Perto de nós fazia-se uma fogueira onde de uma mulher preparava sobre umas pedras, qualquer coisa, dentro de um púcaro de barro.
Transitávamos no caminho os agui- deiros sobraçando enormes cânteros de argila a apregoar a água fresca. Ouvimos então um ruído, semelhante ao rodar de um «camion», que vinha do lado da estrada. Era realmente um, mas quasi ocupado por passageiros que lhe tinham feito um assalto numa curva submersa na treva. Com grande difficul- dade conseguimos logar, vivamente dis- putado por massas assaltantes.
Meia hora depois, o camion partia, deixando atrás o vasto recinto ilumi- nado, onde folgavam os romeiros de S. Torquato. Faltou me dizer que ao entrar no carro nos separamos, ficando eu sózinho na retaguarda.
De tudo o que mais me impressio- nou no regresso, deverei salientar a satisfação brutal de alguns passageiros que se não importavam de encomodar os ouvidos dos vizinhos com palavras obscenas e avinhentadas. Por outra parte, a poesia, em nuvens espessas levantava-se envolvendo-nos e sufocando-nos.
Eu procurava distrair-me, e mergu- lhava a vista nas ramagens silenciosas das árvores, que o clarão do projectór iluminava a poucos metros do cami- nho. Após, já muito longe, descobriu-se o arrajel coado de luzes suspensas, e o fogo que naquela distancia me parecia surpreendente! Dobrávamos a curva que a estrada fazia circunornando um cêrro, e o clarão fantástico de cores brilhantes desapareceu. No horizonte fulgiu scintillantes de relâmpagos que tambem se apagaram por trás do arvoredo.
E o «camion» empenhade em bater o «record» da velocidade seguia vertiginosamente, dando-me a impressão de se esmigalhar na primeira esquina ou de se despinhar no primeiro barranco. Felismente, nada disso aconteceu e nós desembarcamos livres de perigo, gra- ças á protecção do glorioso Santo que lá ao longe recebia ainda as homenagens do povo crente, numa auréola de luz intensa!
Arnaldo B. Azevedo.

Em poucas palavras...

Afinal—a quem cabem as respon- sabilidades da guerra?
Ninguém as quer...
E, como ninguém as quer, vá de carregar com elas a consciencia da Alemanha,—que tem costas largas.
Diz o «eculo» que «os banquei- ros querem harmonizar o escudo com a libra»
Agradecemos a boa vontade, mas... não acreditamos que eles consigam fazer as pazes. Separa-os um ab-ismo!
De mais a mais a libra, armada como esdã, dispensa bem tão fraco escudo...
Tropas de prevenção. Anda coisa no ar?
Anda. Muita fantasia ruim que devia desfazer-se ante uma lufada de são portuguezismo.
Toda a gente se queixa de que «os braços rurais abalam para a Hespanha.»
E' a l'eva da Tome!
E, no entanto, os senhores açam- barcadores, zombando aos que abalam, cabalam.
Dum manifesto do comité central dos «camaradas do mobiliario»:
«A vigaristica «Patronal»... pro- segue arrastando para o abismo que ha de subverter alguns dos nos- sos patrões... E nós ficaremos de pé!»
«Não querem sentar-se...»
Duma revista teatral:
«A revista Lua Nova vai num exito crescente...» Crescente? Natural.
Os jornaes noticiaram, ha dias, a morte de Lenine.
Deus lhe falasse n'alma!
Agora um telegrama da Radio informa nos de que «o seu estado é desesperado».
Se calhar a Radio assistiu a alguma sessão espiritista.
Sabe-se lá alguma coisa do Alem- morte!
Que vai subir o preço do tabaco nacional?
Achamos bem.
A Companhia, no meio desta sub- bida geral que entusiasma os demais ramos de comercio, tem andado com uns certos vagares.
Uma tristissima figura!
«A atitude da opposiçãõ—diz uma gazeta— atrapalha o governo. Como descalçar ele a bota?»
Nós sabemos:
«Levante a, dê lhe um impulso para a frente, e faça com que ela vá assentar no... fundilho opcionista. Não tem de quê. X.

Materiais para construção

Deposito de cal, cimento tintas, vernizes e artigos con- cernentes para pintor e caiador. A casa que mais barato vende.
Amandio Teixeira de Carvalho
—Rua de Sampaio—

Da França

Desastre
MARSELHA, 10. — Na corrida de ca- valos ontem realizada deu-se uma ocorrência, qual foi a morte do cavallo «Etius», victima de uma queda.
«O jockey» ficou tão gravemente ferido que, conduzido ao hospital, ali faleceu poucos minutos depois.—Radio.
A Alemanha vae entregar...
CHERBURGO, 10.—A Alemanha vae entregar um grande doca de 4300 to- neladas que vae ser rebocada para Nantes e entregue á Camara de Co- mercio.—Radio.
Responsabilida- des da guerra
PARIS, 10.—Após o ataque que alguns deputados da esquerda fizeram ao sr. Poincaré, sobre o facto do actual ministro dos estrangeiros ter repetido as propostas de paz do falecido imp- rador Carlos em 1917, a Camara ouviu com o maior interesse as explicações do antigo presidente da Republica fran- cesa.

Funerars do Prin- cipe de Monaco

NICE 10. — Chegou o cadaver do Principe de Monaco, cujos funerars de- vem realizar-se amanhã.—Radio.
Um grande v60
PARIS, 7. — Dizem de Le Bourget que o tenente aviador Pelletier Datsy, tendo partido de Tunis ás 9 horas e 45, en- trezou áquela povoação ás 17 horas e 55, minutos, percorrendo assim 1.700 quilo- metros sem aterrar.
Gazes asfixiantes
PARIS 7.—A primeira sub-comissão dos «firmamentos» aprovou a resolução relativa ao f'rio de armas e empregado de gazes asfixiantes. Em comissão plena- ria será examinada a questão. A segun- da sub-comissão examinou o projecto de desarmamento da Esber.
Tribunal Interna- cional de Haya
HAYA, 7.—O sr. Albert Toma' de- fendeu a prante o Tribunal de Justiça internacional, a competência da orga- nização internacional do trabalho em ma- teria agricola.

